



A VIDA PROFESSORAL DE SEVERINA PAES: DE 1948 A 1988: ITABAIANA/PB

Enoque Bernardo Santos¹

enoquebs@hotmail.com

Universidade Estadual vale do Acaraú

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar a biografia de uma professora que lecionou na cidade de Itabaiana entre os anos de 1948 e 1988. Essa professora cursou o ensino primário na Escola Santa Terezinha do Menino Jesus na cidade de Itabaiana. O ginásial e o colegial no Colégio Nossa Senhora das Neves na capital da Paraíba. Formou-se em professora primária no ano de 1942 pelo Instituto de Educação da Paraíba. Após a obtenção do título de professora primária voltou à Itabaiana e começou a lecionar no Colégio São José e em 1948 ingressou no magistério público estadual no Grupo Escolar Padre Ibiapina, depois no Grupo Escolar Camilo de Holanda e posteriormente no Grupo Escolar Professor Maciel. Além dos estabelecimentos citados, ela lecionou nos seguintes estabelecimentos de ensino da cidade em tela: Colégio Nossa Senhora da Conceição, no Curso Normal. Lecionou Geografia no Ginásio Estadual de Itabaiana. Licenciada em Geografia pela FURNE – Fundação Universidade do Nordeste. Foi vice-diretora do mesmo e alguns anos depois foi nomeada diretora. Foi escrito a partir da entrevista realizada com a professora através da metodologia da História oral.

Palavras-chave: Professora, Grupo Escolar, Ensino.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.



INTRODUÇÃO:

Desde a fundação da Escola dos Annales em 1929, até a contemporaneidade, a História nunca mais foi à mesma, devido, o impulso desafiador dos historiadores Fernand Lefebvre e Marc Bloch, os quais desafiaram os historiadores positivistas em suas torres de marfim, e deram visibilidade aos invisíveis, denominados sem história. Posteriormente, outras invisibilidades ganharam destaque na escrita da história através dos historiadores Jacques Le Goff, Peter Burke e Roger Chartier, os quais incrementaram novas temáticas na chamada História Cultural, denominada nos anos 90 do século XX de Nova história Cultural. E uma das categorias que passou a ter visibilidade na escrita da História dos anos 90, foi à história das mulheres professoras, principalmente a do chamado ensino primário, levando em consideração a sua educação, a opção pelo magistério ou não, e as suas práticas pedagógicas no interior das escolas rurais e urbanas, sejam elas particulares ou públicas, não apenas no ofício de ensinar a ler, escrever e calcular, mas de ajudar a formar gerações de homens e mulheres.

Partindo da premissa anterior, vale salientar que apresentar a biografia dessa professora de Itabaiana, tem a finalidade de contribuir para a historiografia da educação paraibana e inserir a citada professora no rol das paraibanas que lecionaram em escolas do interior da Paraíba, e que são esquecidas, sendo lembradas as que se destacaram na capital da Paraíba e deram seus nomes a estabelecimentos educativos.

A escrita deste artigo foi feita com o uso metodologia da história oral e como suporte teórico a Nova História Cultural. A História Cultural que se contrapõe a história tradicional. Essa contraposição da História Cultural a História Tradicional, se dá porque os sujeitos que não eram vistos, a exemplo de professoras, prevalecia então, a história dos denominados heróis da pátria, pessoas comuns eram consideradas pessoas sem história. Sendo assim, tendo como referência a História Cultural, a escrita da biografia da professora itabaianense foi utilizada a metodologia da História Oral, e o uso de documentos e fotografias, e sem poder ser dispensada as referencias bibliográficas para a contextualização histórica.

Sobre a História cultural, essa tem feito com o que tudo que é humano seja considerado história, rompendo assim, com o conceito tradicional que é a história é feita a partir dos documentos oficiais escritos, e o que não



está escrito de forma comprovada não deve ser considerado para a história.

Portanto, a história Cultural e conseqüentemente a Nova História Cultural passou a ver em uma fotografia como histórico, as cartas trocadas entre as pessoas, receitas de chás das rezadeiras, a história dos ciganos, das prostitutas, das professoras primárias, das mulheres trabalhadoras, entre outras categorias como relevantes para a escrita da história.

Com relação à história oral, é uma metodologia utilizada pelos historiadores e outros pesquisadores com a finalidade de obter informações das pessoas que vivenciaram ou ouviram sobre determinados acontecimentos, ou sobre eventos culturais, políticos, econômicos e religiosos de épocas passadas. Sendo assim, a metodologia da história oral passou a contribuir na escrita da história com o uso de entrevistas junto a pessoas de todas as áreas da atividade humanas. Sobre o uso de entrevista e a história, Alberti (2008. p. 154) salienta:

A História oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente

Desta forma a História oral se engaja na história de vida de professoras que lecionaram em escolas rurais, escolas urbanas, grupos escolares e colégios com o objetivo de dar visibilidade a essas profissionais, as quais por não terem publicados livros e artigos ou até mesmo não terem ocupado cargos em administração são esquecidas. No entanto, esse universo invisível tem muito a dizer sobre as suas práticas pedagógicas, sua atuação como agente de transformação social através do magistério

DESENVOLVIMENTO:

Dados bibliográficos da professora

A professora Severina Paes de Araujo nasceu no Estado de Pernambuco em 15/04/1924, no Engenho Caeté, localizado na zona rural do município de Goiana-PE. Era filha de Joaquim Paes Barreto e de Rachel Paes de Araújo. Aos quatro anos veio morar em Itabaiana na zona rural de Maracaípe. Quando ela completou sete anos de idade, seus pais a entregou aos cuidados de uma parenta da família, que residia na zona urbana de Itabaiana com a finalidade de a menina Severina Paes iniciar o



primeiro ano do curso primário, como era chamada à fase anterior ao ginásio.

Vale salientar que antes de entrar para a escola formal, Severina Paes foi alfabetizada em casa pela sua mãe. No tempo da infância da biografada a maioria das crianças era alfabetizada em casa, através da mediação da mãe ou de algum parente. Se na família não dispusesse de pessoas alfabetizadas, o responsável pelas crianças contratava um professor ou professora para ensinar a ler, escrever e calcular, chegando dessa forma à escola dominando, mesmo que precário as primeiras letras. Não se tinha ainda difundido no Brasil na rede pública, principalmente no interior paraibano, a educação infantil e cabia a família se ocupar dessa preparação no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo Severina, para ser alfabetizada pela a sua mãe, a mesma utilizou a “Cartilha das Mães,” Na sua fala ela afirma que a metodologia de ensino que sua mãe utilizava era muito rígida. E sendo Severina, canhota, isto é, a mesma escrevia com a mão esquerda, foi um suplício, pois sua primeira professora (mãe) se empenhou com bastante insistência em tirá-lhe o “vício “de escrever com a mão esquerda.

Saindo da escola familiar, seu pai a matriculou na Escola Santa Terezinha do Menino Jesus, situada na Praça Manoel Joaquim de Araújo. Nessa escola ela cursou do primeiro ao quinto ano primário, sobre os cuidados pedagógicos de Geracina Lins, sua primeira professora fora de casa. Nesta escola Severina, se apegou a essa docente, e no íntimo dizia que um dia se fosse professora ia ser igual à mestra querida. E conforme informações² colhidas junto à biografada foi essa professora que a influenciou a seguir a carreira do magistério.

Quando concluiu o curso primário em Itabaiana, ela foi estudar na capital da Paraíba, e por intermédio da professora Geracina Lins, conversou com o genitor de Severina Paes, a qual, o convenceu que o melhor era enviá-la para um colégio particular, sendo o estabelecimento escolhido o Colégio Nossa Senhora das Neves. Esse colégio era muito procurado pelos pais da capital e do interior da Paraíba que tinha condições financeiras de manter sua filha estudando em uma instituição de filosofia católica e que dava uma formação de qualidade a todas as moças. Nesse colégio ela ficou como aluna interna, vindo a concluir o ginásio em 1942.

Após ter concluído o ginásio ela optou em cursar o normal, e quando veio para casa nas férias do final do ano de 1942, comunicou ao seu pai e a sua mãe que ia ser professora

² A referida entrevista ocorreu no dia 13/05/2009 na residência da mesma.



primária, seu pai afirmou que não aceitava. Queria que a mesma seguisse a carreira do comércio, para isso ela teria que cursar o curso comercial que era oferecido a todo aquele que quisesse seguir a carreira comercial. Sobre a não aceitação do pai de Severina Paes para o magistério, ela relata a justificativa dada pelo seu pai:

Ele não aceitou, porque ele dizia assim: a professora só tem valor enquanto o filho daquele pai e daquela mãe está naquela escola sob a ação dela e a medida que aquilo se afasta, devido o tempo, ela é completamente esquecida, esquecida pelo Estado, pela subvenção que dá ao professor, que é mesquinha. Eu não aceito minha filha que você faça isso.

Essa não aceitação do pai de Severina Paes em não aceitar que a filha se formasse professora, demonstra que o mesmo reconhecia que a mulher professora não tinha reconhecimento das autoridades e dos pais. Sobre a opção da mulher em se formar professora nesse período Almeida (19998, p. 28) assinala:

Ensinar criança foi, por partes das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar – pelo menos esse era o discurso oficial do período. Para as mulheres que vislumbravam a possibilidade de liberação econômica foi a única forma encontrada para realizarem-se no campo profissional, mesmo que isso representasse a aceitação dessa profissão envolta na aura da maternidade e da missão.

Sem o consentimento do pai ela voltou novamente para João Pessoa e se matriculou no Instituto de Educação no ano de 1943. Ficando dessa vez como pensionista no Colégio Nossa Senhora das Neves. Nesse período o Brasil estava sob o domínio da ditadura Vargasista e a Paraíba era governada pelo interventor federal Rui Carneiro.

Em 1944, Severina Paes de Araújo concluiu o magistério. O curso normal nesse tempo tinha a duração de dois anos e no dia de sua formatura recebeu de presente de seu pai o anel de ouro, com pedra de brilhante, símbolo de que havia se formado em professora primária. Percebe-se aí que o pai já tinha aceitado a opção da filha pelo magistério. Para ela foi uma alegria imensa, pois tinha ao seu lado uma pessoa que sempre amou e que em determinado momento da história da sua vida, o desafiou por achar que tinha que ser seguir o caminho do magistério por vocação, e que a interação com Geracina Lins, sua professora primária o ajudou a tornar esse sonho realidade.

No dia da formatura Severina afirmou que foi uma grande festa com a presença de deputados federais, estaduais, senadores, prefeito da capital, familiares das formandas. De todas as autoridades que discursaram, ela lembra



muito bem do discurso do paraninfo da turma, o interventor federal da Paraíba Rui Carneiro, que ao ler o texto que havia preparado para os que estavam se formando, prometendo que no ano vindouro, ou seja, 1945, nenhuma daquelas que estavam se formando ficaria desempregada.

Após ter concluído o magistério Severina Paes voltou à Itabaiana, sua terra de infância e adotou o apelido de Nini Paes nas correspondências que recebia. Esse apelido é de infância e como o nome de batismo católico e registro civil não muito utilizado entre os parentes e os amigos, adoção do apelido infantil ficou melhor para ser identificada e conhecida na cidade.

A partir de sua volta para a casa dos pais, ficou aguardando o chamado para o magistério estadual para lecionar no grupo escolar da cidade ou em alguma escola reunida mantida pelo erário público. Enquanto aguardava o cumprimento da promessa do inventor federal para lecionar em uma escola pública, ela foi convidada pela dona e diretora do Colégio São José, a professora Dona Marieta, para lecionar no mesmo.

Convidada por Marieta Medeiros para lecionar no Colégio São José, que funcionava como internato e externato, recebendo alunos de todo interior da Paraíba e do vizinho estado de Pernambuco. Nesse colégio lecionou por muitos anos, chegando a ser diretora com o afastamento de sua fundadora para tratamentos médicos.

Durante os primeiros meses do ano de 1945, Nini Paes ficou aguardando o cumprimento do paraninfo da turma, no entanto, isso não ocorreu para a sua pessoa. Interessante, naquele tempo a legislação prescrevia como devia ser a contratação de professoras para lecionar na rede estadual, no entanto não era cumprida, e os governantes agiam da forma como queriam e quem fosse contrário ao seu partido, com certeza ficaria de fora. E foi isso que ocorreu com Severina Paes, pois a mesma era membro da União Democrática Nacional (UDN), e o interventor pertencente ao Partido Social Democrático (PSD).

De acordo com Severina Paes, ela era a líder da ala feminina da UDN em Itabaiana, isso foi o motivo segundo a mesma de ficar de fora do quadro do magistério estadual. Então, para quem estava no poder tinha que atender os apelos de quem era do seu partido e não de pessoas da oposição. Como era muito conhecida na cidade, as pessoas ligadas ao interventor através do PSD, levavam as informações para o administrador sobre a atuação dessa professora em Itabaiana.



A professora Severina Paes formou-se em professora no ano de 1944, período este que na Europa e nos Estados Unidos da América, a mulher estava começando a ocupar espaços que antes eram ocupados pelos homens, devido a Segunda Guerra Mundial. E essa catástrofe mundial fez que com as mulheres lutassem pela sua emancipação nos campos da política e da economia, exigindo direitos iguais e condições melhores de trabalho para poder viver dignamente e não ser apenas a dona do lar.

No Brasil, o país estava sob o julgo da ditadura varguista e muitas pessoas que faziam oposição ao governo instalado desde 1930 eram perseguidas e exiladas. No entanto, com toda perseguição feita pelo governo de Vargas às mulheres começaram a conquistar espaços e a entrar na luta pelo fim da ditadura e exigir eleições diretas para os poderes executivos na esfera municipal estadual e federal. Nesta luta pela emancipação da mulher brasileira estava Severina Paes, a qual escrevia discursos instigando as mulheres a lutarem pelos direitos e escolhas, inclusive o direito de casar, ou de ser mãe.

No ano de 1945 o Brasil escuta pela “Voz do Brasil”, o fim da Segunda Mundial e o término do governo ditatorial de Getúlio Vargas e no ano seguinte é promulgada a primeira Lei Orgânica do Ensino Primário no Brasil e há eleições para Presidente da República, Governos Estaduais e para o Legislativo, saindo vitorioso na Paraíba Oswaldo de Albuquerque Trigueiro, da UDN e reacende em Severina Paes, a esperança de conseguir uma vaga para lecionar no estado, pois o diretor do Departamento de Educação, que passou a responder por esse órgão é o professor Carlos Coelho, o qual foi seu docente no Instituto de Educação, e assim, por intermédio de Monsenhor Coelho, pároco de Itabaiana, ela recebeu um presente no mês de janeiro de 1948.

Com o fim da ditadura varguista, O Brasil passou a viver os anos do período democrático e nesse cenário político o governo brasileiro enviou para o Congresso Nacional o primeiro projeto de Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional para reger todo ensino, isto porque, até então não tínhamos nenhuma lei geral que incluísse toda educação básica e o ensino superior. E é nesse ano que Severina Paes recebeu com alegria a sua nomeação para lecionar no Grupo Escolar Padre Ibiapina. Sua nomeação é publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba no dia 31 de Janeiro de 1948.

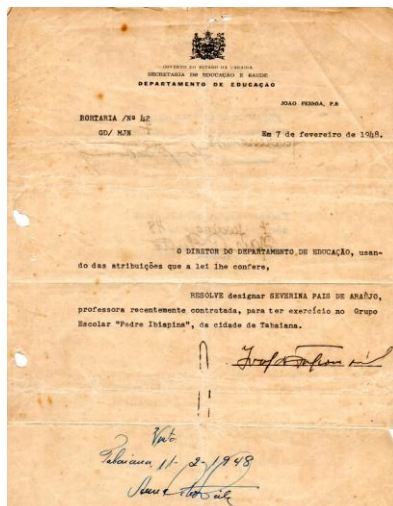


Figura 1: portaria de nomeação

Recebendo a portaria de professora primária para lecionar no Grupo Escolar Padre Ibiapina, sua primeira turma foi a do quinto ano, onde procurou desenvolver um trabalho com dignidade e respeito aos educandos, e aos poucos foi conseguindo o respeito das colegas de trabalho. Ela conseguiu tanto respeito que os discursos de formatura da turma do quinto ano primário eram escrito por ela, como também lido. A Formatura na escola fazia parte da cultura escolar e reunia autoridades religiosas e políticas.

Severina Paes lecionou no “Padre Ibiapina” durante um ano, quando o mesmo foi mudado de nome passando a se chamar “Grupo Escolar Camilo de Holanda,” permanecendo com esse nome até dezembro de 1955 no governo de José Américo de Almeida, quando em janeiro de 1956 passou a se chamar “Grupo Escolar Professor Maciel.” Essa professora pode-se afirmar que lecionou em três grupos escolares. Viu a queda de Vargas no poder político, o fim da Segunda Mundial, a promulgação da primeira Lei Orgânica do Ensino Primário do Brasil, como também o envio do primeiro projeto de LDB para o Congresso Nacional.

Após o “Grupo Escolar Padre Ibiapina” ter mudado de nome por intermédio do governador Oswaldo Trigueiro de Mello em 25 de janeiro de 1949, a professora Severina Paes continuou lecionando no mesmo, e em 10 de fevereiro de 1954, o Diário Oficial do Estado da Paraíba, publicou que a mesma passasse a responder pelo expediente do “Grupo Escolar Camilo de Holanda” nas faltas e impedimento do respectivo diretor, sendo essa portaria assinada pelo diretor do Departamento de Educação, Durmeval Trigueiro Nunes. Sendo assim, auxiliando a diretora neste estabelecimento de ensino, Nini fica responsável pela



organização das festas das datas comemorativas e da formatura dos alunos que aconteciam todo final do ano.

Quando Flávio Ribeiro Coutinho assumiu o governo da Paraíba em 1956, autorizou que o “Grupo Escolar Professor Maciel” fosse transferido do centro da cidade de Itabaiana para o prédio construído no governo de José Américo de Almeida, próximo ao Hospital Regional São Vicente de Paulo (Itabaiana), todas as professoras também foram transferidas recebendo novas portarias e entre elas estava Severina Paes. Lá no primeiro ano ficou lecionando, mas no ano seguinte passou a responder pelo expediente auxiliando a diretora do grupo, Dona Ivanise. Alguns meses depois com a saída de Dona Ivanise, Severina Paes foi nomeada diretora e na direção do Grupo Escolar Professor Maciel fez um trabalho que agradava aos pais dos alunos e alunas porque procurava desenvolver uma formação digna. Sobre o comportamento dos alunos e alunas do Grupo Escolar Professor Maciel ela afirmou:

Bem, nem sempre, nós não podemos dizer: ninguém era totalmente disciplinado e nem indisciplinado. Havia os disciplinados e os indisciplinados. Os educados e os mal educados. Os que gostavam de brigar com os outros os que gostavam de humilhar existia, sempre na hora do recreio. Depois nós fizemos lá um campo, pra eles brincarem, aí ficou muito melhor durante o recreio estavam jogando e evitava que houvesse qualquer confusão, mas foi uma turma mista e esse misticismo existe totalmente até na sociedade.

Pela fala da professora que estava assumindo a direção do “Grupo Escolar Professor Maciel” ela, juntamente com suas colegas de trabalho conseguiram uma forma de diminuir a agressão verbal ou até mesmo física com a organização de um campo de futebol onde os meninos ficariam ocupados no recreio e com relação ao dia sete de setembro ela lembra que em determinado ano, muitos alunos não tinham condições de comprar o fardamento e com o apoio de todo docente compraram tecido e confeccionaram o fardamento para os que não tinham condições financeiras para adquirir. Nesse período o civismo era muito forte em nosso país e o dia sete de setembro de todos os anos era comemorado com entusiasmo para lembrar nossa independência política de Portugal.

Durante o período que passou como diretora do Grupo Escolar Professor Maciel procurou manter sempre o relacionamento de respeito com os seus superiores, com as colegas de profissão, com os alunos e alunas, os funcionários e os pais dos discentes. Jamais utilizou do expediente de diretora para tirar proveitos pessoais ou perseguir alguém. Agia sempre com ética e paciência diante das circunstâncias que surgiam em seu caminho no duro exercício do magistério primário.



Sua atuação como diretora não foi apenas de coisas boas, ela sofria perseguições políticos partidárias por parte dos que eram ligados ao PSD local. Eles iam sempre ao governador Pedro Moreno Gondim pedir para que o mesmo exonerasse Severina Paes do cargo de diretora, e isso incomodou o representante do poder executivo estadual paraibano, que segundo a professora, quando um dia foi a Secretaria de Educação para uma audiência com o Secretário de Educação do Estado da Paraíba, e estando na sala de espera deu de cara com um político conhecido da Região do Vale do Paraíba, o qual era muito ligado ao governador e esse mesmo líder político era quem mais pedia que a professora-diretora fosse exonerada do cargo. Segundo a professora ele ao sair foi permitido que ela entrasse para o gabinete do secretário e ao entrar o secretário perguntou:

Quando fui entrando, então ele me perguntou: Que mal a senhora fez a Mário Silveira? O mal que fiz a ele é que eu sou contra o partido dele, mas não falo dele e deixo para lá. Então o secretário disse: (...) esse homem com uma equipe vai constantemente ao palácio pedir para a senhora ser retirada, da direção do “Grupo Escolar Professor Maciel”, no entanto: Pedro Gondim fez uma proposta: (...) quero que vocês tragam por escrito o que vocês tem contra esta moça? Eles não foram mais lá. Por que Dona Nini? Porque não eram verdadeiros, porque eles não falavam a verdade.

A professora Severina Paes permaneceu na direção do Grupo Escolar Professor Maciel durante quatro anos, de 1956 a 1960, quando ficou a disposição do Colégio Nossa Senhora da Conceição, com a portaria publicada no Diário Oficial do Estado da Paraíba, em 8 de fevereiro de 1960, passou a prestar serviço docente ao Colégio Nossa Senhora da Conceição, estabelecimento de ensino religioso que na época mantinha o Curso Normal, onde passou a lecionar disciplinas inerentes ao curso de formação de professoras primárias, que atendia a toda Itabaiana como também a todas as cidades circunvizinhas. Nesse curso lecionou as seguintes disciplinas: Sociologia da Educação, Psicologia da Educação e Fundamentos da Educação.

Após ter atuado como professora do Curso Pedagógico do Colégio Nossa Senhora da Conceição, ela foi lecionar no Ginásio Estadual de Itabaiana, com portaria publicada no Diário Oficial da Paraíba no dia 3 de Março de 1963, como não tinha formação para lecionar a cadeira de Geografia, como ainda não possuía o curso de licenciatura foi fazer um curso da CADES, promovido pelo Governo Federal, para capacitar professores que não tivesse formação específica para determinada área, mas como sentia necessidade de uma formação completa, ela prestou vestibular na Universidade Federal da Paraíba para obter a graduação em Ciências, conseguindo, cursou com êxito, realizando mais uma vez um sonho na sua

formação profissional. Necessitando obter mais conhecimento, prestou outra vez vestibular pela Fundação Universidade do Nordeste para Geografia, onde concluiu e continuou lecionando e procurando incutir nos alunos os conhecimentos da Geografia e aprender as categorias da mesma.

Passados muitos anos sem assumir a direção de um estabelecimento de ensino ela voltou novamente a responder pela vice-direção, dessa vez do Ginásio Estadual de Itabaiana, que com a Lei 5.692/71 passou a se chamar Escola Estadual de 1º e 2º Grau Dr. Antonio Batista Santiago. Lá permaneceu por quatro anos, terminando o mandato voltou novamente para lecionar Geografia. Em 1985, recebeu o convite de uma velha amiga do magistério que tinha muita influência junto ao poder executivo estadual paraibano, a qual a convidou a assumir a direção da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus Dr. Antonio Batista Santiago.

CONCLUSÃO:

Dando conclusão ao nosso texto sobre a professora Severina Paes de Araujo, e a sua opção pelo magistério, chegamos à conclusão que a mesma não considerava o magistério como vocação e sim como opção. Opção que foi refutada pelo o seu genitor, no entanto, ela não temeu a figura paterna e se formou como professora e no decorrer de sua vida professoral cursou a universidade a fim de se qualificar e acompanhar as transformações que ocorreram no seu percurso docente.

A vida profissional de Nini Paes foi preenchida como uma professora e educadora itabaianense de ética, desde quando começou a lecionar em 1948 até 1988, quando se aposentou do magistério estadual. Após a sua aposentadoria continuou a residir em sua residência, próxima a Praça Manuel Joaquim de Araújo, até o dia 6 de março de 2017, quando veio a óbito, perto de completar 93 anos.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. Fontes Históricas. Carla Bassanezi Pinsky, (organizadora). – 2.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e Educação**: a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998. (Prismas)



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

(83) 3322.3222
contato@coprecis.com.br
www.coprecis.com.br